



CÂMARA MUNICIPAL DA CACHOEIRA
Cidade Heróica (Lei Provincial Nº43 de 13/03/1837)
Cidade Monumento Nacional (Decreto 68045, de 18-01-1971)
ESTADO DA BAHIA

PROJETO DE LEI DO PODER LEGISLATIVO Nº 19 /2024

LIDO EM SESSÃO DE
27/05/2024
Presidente

Declara a Festividade em Louvores a São Roque no quilombo do Engenho da Ponte, Cachoeira, Bahia Patrimônio Histórico Cultural Material e Imaterial de Cachoeira Bahia.

A Câmara Municipal da Cachoeira, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais e regimentais que lhes confere o Regimento Interno e a Lei Orgânica do Município de Cachoeira. Faz saber que aprova a seguinte lei.

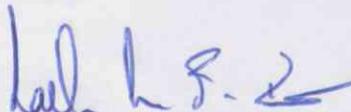
Art. 1º – Fica declarado Patrimônio Histórico Cultural Material e Imaterial de Cachoeira – Bahia a Festividade em Louvores a São Roque no quilombo do Engenho da Ponte, Cachoeira, Bahia.

Art. 2º - Caberá a Câmara Municipal, a entrega do Título de Patrimônio Histórico e Cultural e Imaterial de Cachoeira, em Sessão Solene, organizada pela mesa diretora.

Art. 3º - O Poder Executivo Municipal regulamentará esta Lei, no que couber através de Decreto Municipal;

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrárias.

Plenário da Câmara Municipal da Cachoeira, 24 de maio de 2024.


Laelson Luiz Ferreira Bispo (Laelson de Roxo)
Vereador Autor

Festividade em Louvores a São Roque no quilombo do Engenho da Ponte, Cachoeira, Bahia

Histórico das comunidades quilombolas Da Bacia e Vale do Iguape (Conselho quilombola da Bacia e Vale do Iguape)

As comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape estão localizadas no município de Cachoeira/Bahia, no entorno da Baía de Todos os Santos e da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape (Resex). Residem nessa região em torno de 3.500 famílias distribuídas em 18 /comunidades (Kaonge, Kalembá, Kaimbongo Velho, Kalolé, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz e Brejo da Guaiba), localizadas em 2 distritos do município: Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu. As comunidades ocupam a região desde os tempos do Brasil Colônia, tendo sido formadas por negros escravizados fugidos e libertados das fazendas da região, constituindo atualmente territórios quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares. As tradições culturais ancestrais (festivas, religiosas, estéticas, artesanais, culinárias, organizativas e produtivas) articulam-se com iniciativas educativas que valorizam o fortalecimento da cidadania na luta por políticas públicas inclusivas. Nos territórios quilombolas se praticam a economia solidária (através de vários núcleos produtivos e do Banco Solidário Quilombola, com a moeda social “sururu”¹) e a sustentabilidade socioambiental (especialmente no contexto da Resex). A produção agrícola e extrativista se realiza sem uso de agrotóxicos e de forma artesanal e solidária (mel, ostras, pescados e mariscos, farinha de mandioca, azeite de dendê).

O envolvimento local com a valorização da cultura quilombola vem propiciando ao longo dos últimos anos o fortalecimento de manifestações artísticas (festas, samba de roda, dança “afro”, “rodas de conversa” etc.), artesanais (artigos de vestuário, comidas típicas, objetos decorativos), medicinas tradicionais (plantas medicinais, xaropes de ervas, rezas etc.). Todos esses saberes, competências e habilidades são veiculados pelos Mestres Griôs, verdadeiros “acervos” das histórias, contos, canções, conhecimentos e rezas que circulam pelas comunidades.

Desde 2005 as comunidades estão organizadas no Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape, organização civil sem fins lucrativos que tem como principais

¹ Informações detalhadas sobre o Banco Comunitário Quilombola do Iguape encontram-se disponíveis em: <<http://agesol.org.br/redebcd Bahia/?portfolio=banco-comunitario-quilombola-do-iguape>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

finalidades a defesa dos direitos comunitários, a garantia do acesso à terra, a preservação dos bens materiais, imateriais e dos ecossistemas de que dependem essas comunidades para seu desenvolvimento com sustentabilidade. Os representantes (“conselheiros”) das comunidades envolvidas compõem um fórum que se reúne mensalmente (cada mês numa comunidade diferente), onde são tomadas as decisões coletivas sobre questões que envolvem desde o cotidiano das comunidades até os projetos de desenvolvimento de longo prazo. A organização do Conselho Quilombola também tem propiciado o fortalecimento das escolas nas comunidades, com educadores locais que buscam integrar a arte, a cultura e a religião negras nos currículos.

A comunidade ocupam a região desde os tempos do Brasil Colônia, formadas por negros e negras escravizados fugidos e libertados das fazendas da região, constituindo atualmente territórios quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares. As tradições culturais ancestrais (festivas, religiosas, estéticas, artesanais, culinárias, organizativas e produtivas) articulam-se com iniciativas educativas que valorizam o fortalecimento da cidadania na luta por políticas públicas inclusivas e garantia de direitos humanos.

Atua no enfrentamento às violações dos direitos humanos, luta pelo direito à vida e condições mínimas para sobrevivência. A organização é formada por jovens militantes e feministas quilombolas que tem o objetivo de fortalecer a identidade, com ações de preservação da cultura local, agricultura familiar e a economia de base solidária, com a comercialização dos produtos quilombolas, artesanato local, apicultura, mariscos, doces, xaropes. As atividades desenvolvidas são voltadas para a formação de jovens negras, mulheres, marisqueiras, mães da comunidade. São estas quilombolas que articulam-se em coletivo para desenvolver ações de fortalecimento a preservação ambiental e o reconhecimento do território, dos direitos da população quilombola, da militância negra feminina, combate ao racismo e as desigualdades, acesso a educação coletiva e democrática

4. Entidades de Referência

É entidade de referência o coletivo de Jovens Empreendedoras/es do Quilombo do Engenho da Ponte, formou-se em 2018 com o objetivo de aprofundar formações socioeducacionais com jovens negros e negras. A organização é formada por jovens quilombolas originários da comunidade do Engenho da Ponte, que buscam fortalecer as práticas relacionadas a identidade, com ações de preservação da cultura local do samba

de roda, da esmola cantada de São Roque, tradições seculares que compõem a história, resistência e religiosidade do quilombo.

8. Contexto histórico da festa Em Louvores a São Roque

As comunidades quilombolas que congregam o Conselho Quilombola valorizam os momentos festivos que fortalecem os vínculos comunitários. A Festa de São Roque é um desses momentos que acontecem na comunidade do Engenho da Ponte. A própria origem da festa remete a acontecimentos que marcaram profundamente a comunidade do Engenho da Ponte, decorrente de atos de devoção relacionados a surtos de varíola, sarampo e catapora ainda no início do século XX. Nesta comunidade existe um pé de gameleira e um poço de água curativa, local conhecido pelo nome de “Pé do Velho”, onde os negros escravizados se reuniam para fazer suas rezas, oferendas e outras obrigações rituais. Como é sabido, desde o Brasil colonial as expressões religiosas de matriz africanas se mantinham em segredo como estratégia de resistência à imposição do catolicismo dos Senhores de Engenho. Muitas festas, narrativas e histórias sincretizam os arquétipos do santo católico (São Roque) com os orixás (no caso, Omolu, orixá da doença, e Nanã, orixás conhecidos como “os velhos”).

Contam os moradores do Engenho da Ponte que todo mês de agosto aparecia um velho descalço andando lentamente pela comunidade com um saco de linhagem, uma cabaça na costa e uma cuia na mão pedindo esmola nas casas. A grande mortandade de crianças e adultos provocada pelas epidemias fizeram com que as pessoas desse lugar reconhecessem naquele velho um sinal da devoção ao velho orixá, Omolu, sincretizado com São Roque. Os moradores se reuniram, então, ao “Pé do Velho” e fizeram uma promessa a São Roque, pedindo para pôr fim à mortandade e prometendo a realização da festa em seu louvor.

Nessa época a dona da fazenda era Elvira Novis, católica, muito devota de Nossa Senhora da Conceição, promotora dos festejos à santa no dia 8 de dezembro, na capela da localidade². Foi ela quem adquiriu, em Salvador, a imagem de São Roque e entregou para comunidade, ajudando, assim, a promover a devoção comunitária ao santo. Anos depois, em decorrência das dificuldades de realização da festa no mês de agosto (época chuvosa e o solo de massapê dificultavam a locomoção), a festa passou a ser realizada no mês de fevereiro, com a “anuência” de São Roque.

² Ainda hoje, essa devoção é mantida juntamente com a devoção a São Roque.

Embora seja a festa mais antiga das comunidades quilombolas, durante os anos de 1990 e 2000 ela não aconteceu, vindo a ser resgatada em 2009 por iniciativa dos moradores do Engenho da Ponte, estimulados pela então nascente organização do Conselho Quilombola. Foi durante um Encontro de Mestres e Aprendizizes Griôs do “Projeto Bagagem”, realizado em Lençóis (BA), em 2008, que Juvani Viana, mãe-de-santo e Mestre Griô da comunidade do Kaonge sentiu-se inspirada para determinar a revitalização da Festa de São Roque por meio da “Esmola Cantada”. Como conta Dona Juvani, a inspiração procedeu de um sonho no qual se fez clara para ela a importância de não deixar a festa extinguir-se. A retomada da devoção a São Roque se apresenta, assim, no âmago das religiões afro-brasileiras que se apoiam tradicionalmente em revelações oníricas para estabelecer suas injunções.

A Festa de São Roque se inicia bem antes da sua celebração principal, comportando os eventos preparatórios da “esmola cantada”, que se sucedem por quatro domingos do mês de janeiro. Para a arrecadação dos fundos para a realização da festa principal, em cada domingo a comunidade do Engenho da Ponte percorre um trajeto específico louvando e “encantando” São Roque com contos cantados.

Uma grande comitiva se organiza com tocadores de cavaquinho, pandeiro e tambor (rebolo), além dos rezadores e cantadores. Crianças, jovens, adultos e idosos saem da casa do tesoureiro (o dono da “bandeira” de São Roque, organizador da festa) e percorrem a pé longas distâncias entre as comunidades, sendo recebidos de porta em porta nas casas na comunidade visitada, onde é feito o peditório. Ao final de cada domingo, a comitiva volta a se reunir na casa do tesoureiro da comunidade do Engenho da Ponte para encerrar as atividades do dia³.

Depois dos vários domingos de “esmola cantada”, a festa acontece num final de semana do mês de fevereiro. No sábado à noite dá-se início aos festejos com a apresentação de vários grupos musicais (de samba de roda, dentre outros estilos musicais), danças, venda de comidas típicas. No intervalo do baile dançante, pode-se também participar do leilão que é realizado para arrecadação de fundos. No domingo pela manhã tem lugar a missa solene, com o padre especialmente convidado para a ocasião. Após a missa segue o grande almoço oferecido a todos os participantes, que atualmente conta com cerca de

³ Os trajetos percorridos pela comitiva variam nas distâncias. No primeiro domingo, a comitiva percorre o trajeto que vai do Engenho da Ponte ao Engenho da Praia (comunidade próxima). No segundo domingo, o trajeto é bem maior, compreendendo o Engenho da Ponte, Kalembá, Kaonge, Dendê e a Capela da localidade de Campina. No terceiro domingo, uma parte do percurso deve ser feita de ônibus, pois as comunidades visitadas são bem distantes: Engenho da Ponte, Engenho Novo e Opalma. Por fim, no último domingo, o trajeto compreende o Engenho da Ponte e Santiago do Iguape.

trezentos participantes de várias comunidades. Ressaltamos aqui a importância da rede de solidariedade que possibilita a arrumação e decoração da igreja, o receptivo para a refeição e a organização da procissão em seguida ao almoço.

À tarde, é a vez da procissão sair, quando as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São Roque são levadas em seus andores pelo percurso tradicional que atravessa toda a comunidade. As rezadeiras da procissão vão à frente do cortejo puxando as rezas próprias desta celebração. É importante enfatizar que o patrimônio imaterial constituído pelos cantos, sonoridades, ritmos e orações constitui parte fundamental desses momentos solenes.

9. Justificativa

Apesar de constituir um evento altamente significativo para as comunidades quilombolas dessa região, atualmente a festa de São Roque passa por dificuldades. Os recursos arrecadados na realização das “Esmolas Cantadas” só conseguem cobrir os custos de ornamentação da igreja e da procissão, além do transporte do padre. Essas dificuldades sobrecarregam os organizadores, que acabam por custear algumas dessas despesas (alimentação oferecida durante a “Esmola Cantada” e na festa propriamente dita). O patrocínio da prefeitura, por sua vez, se restringe à infraestrutura de palco e de bandas musicais que nem sempre são do agrado das comunidades. Do ponto de vista da transmissão da memória, os moradores enfatizam as dificuldades atuais de manutenção desse patrimônio oral e consideram os cantos verdadeiros acervos da tradição religiosa do lugar. Sem reza não pode haver procissão e a procura por rezadeiras capacitadas vem se tornando uma tarefa árdua, pois as pessoas idosas estão desaparecendo e poucos são os adultos que detêm atualmente essas competências.

Neste resultado se mostra assim necessárias ações de diálogos entre os mestres e mestras rezadeiras e rezadores e a juventudes, a fins de fortalecer a competência de afloramento para a transmissão deste saberes, o que a atividade da roda tem como meta.

A viabilização de certas condições materiais para a realização das atividades da “esmola cantada” e da festa propriamente dita é imprescindível para a sua continuidade e fortalecimento. Igualmente importante é a valorização da memória oral que possibilita a transmissão do conhecimento para as gerações futuras, conhecimento este atualmente investido na vivência de algumas pessoas já idosas, Mestres Griôs, das comunidades do Kaonge, Engenho da Ponte, Santiago do Iguape, dentre outras.

Reconhecemos a importância da festa para as identidades territoriais (de grupos, comunidades, povos etc.), sendo capaz de ativar a memória e atar vínculos, pois produzem impacto das percepções, das imagens e das técnicas específicas (corporais, musicais, rítmicas, cênicas, etc.). Pensamos, assim, que fazer a festa é uma maneira fundamental de também “fazer” quilombo.

De fato, por ser expressão de um povo, a importância da festa não pode se limitar aos seus aspectos externos e rituais, já que ela potencializa muito mais do que a princípio se pode ver, isto é, o sentimento de pertencimento. A Festa de São Roque apresenta essa complexidade, mobilizando vivências comunitárias enraizadas em modos específicos de comunicação, transmissão da memória, sociabilidades e expressões solidárias, manifestações lúdicas, performances artísticas e pertencimentos religiosos.

As comunidades quilombolas ainda hoje valorizam essas formas de transmissão oral do saber, conjuntamente à luta pela melhoria da educação formal. Em muitas dimensões da vida cotidiana e nos momentos festivos é fácil perceber a importância das sonoridades, dos cantos, das histórias contadas, típicas dos povos orais. Vale para os povos quilombolas algumas das impressões destacadas pelo escritor e poeta angolano Manuel Rui: “A maioria do povo do meu país ainda é oral. As estruturas da fala são diferentes da estrutura da escrita. Eu leio um livro em silêncio. Ouço a história de uma avó contada para um neto com sons, com lugares. Ela pode estar a ser contada à beira-mar, numa fonte [...]”.⁴

As competências de transmissão oral da memória de uma geração a outra são também parte fundamental da organização, da execução e sucesso de uma festa quilombola. Considerando que é por meio da valorização e desenvolvimento dessas habilidades que a festa acontece em sua plenitude, pensamos na importância do fortalecimento dessas “competências-griô” e a produção da festa. Na produção da festa, que se estrutura em diferentes momentos (“esmola cantada”, baile, missa e procissão), é especialmente importante a memória oral e a atuação dos Mestres Griôs para a transmissão das memórias e na “feitura” da própria performance.

Desde 2019, a festividade tem em sua programação o acréscimo de mais um dia de diálogo a fins de fomentar as trocas de saberes entre os mestres griôs e os mais jovens da comunidade esta atividade é a **Realização da “Roda de Conversa saberes e fazeres,** Atividade que ocorre integrada a programação desde 201, em sua II edição, na

⁴ RUI, Manuel. Entrevista. Revista MUITO. Salvador, 25 out. 2015, p. 10.

sexta-feira com a presença dos Mestres Griôs das diversas comunidades, rememorando as histórias dos antepassados com a metodologia da oralidade, presença de líderes religiosos, lideranças locais, diálogos com mulheres quilombolas, e juventude negra das comunidades. Na edição de primeira roda, houve o plantio de uma árvore sagrada denominada de baobá, no plantio houve uma ritualística que possibilitou o rememorar das memórias de conexões entre África e Brasil, já que a árvore é uma árvore que em espécie do continente Africano.

Já no ano de 2024 integrou a programação além da roda de conversa, a tradição de lavagem da igreja por mulheres quilombolas integradas à programação, com a realização de um cortejo afro percorrendo a comunidade e desde então passará a integração da programação da festividade como forma de fortalecimento.

Além de nós ano de 2024 ter também ocorrido O **Fortalecimento da II Edição da feira de Agricultura Familiar das Comunidades quilombolas das Bacia e Vale do Iguape** integrada a programação da festividade em Louvores a São Roque.

Atividade que tem como objetivo fomentar desenvolvimento a renda e fortalecimento dos núcleos produtivos da agricultura familiar das comunidades através da comercialização dos produtos durante os dias de realização da festividade.

Resultados Imediatos da festividade

A valorização das tradições e da identidade comunitária se apresenta como o resultado mais imediato desta festa, que possibilita a transmissão do conhecimento para as gerações futuras, conhecimento este atualmente investido na vivência de algumas pessoas já idosas do Engenho da Ponte e de comunidades próximas.

As memórias sociais podem ser representadas através da narração de uma série de histórias; todavia, é no âmbito das festas e dos rituais que certas imagens são construídas de modo complexo, e elas, em vez de representar, fazem “presente” realidades de uma forma irrefutável e dificilmente comunicáveis fora desses mesmos contextos. Além do fortalecimento das tradições orais que fazem parte da festa, este projeto quer promover novas atividades, buscando dinamizar os processos de transmissão do conhecimento entre as gerações para não fazer a festa morrer.

A valorização das tradições, da memória e da identidade comunitária se apresenta como o resultado mais imediato desta manifestação que possibilitará a transmissão do conhecimento para as gerações futuras. As memórias sociais podem ser representadas através da narração de uma série de histórias representadas em cada performance, cantos e ritmos dos grupos e artistas.

O evento é marcador da identidade para os quilombolas da região, por ser a festa mais antiga, detém um método pedagógico de transmissão dos saberes populares pautados na oralidade, transmitida para as crianças e jovens que se motivam para valorizarem e salvaguardar as tradições que constituem as suas identidades, por intermédio da vivência social na comunidade e de diversos aspetos que integram a religiosidade, as noções e vivências de ancestralidade e cultural negra e quilombola. A iniciativa valoriza práticas culturais, aciona vínculos comunitários, fortalece laços intergeracionais, retroalimenta o coletivo a partir das vivências ancestrais e atemporais, e que os fazeres da festa, evocam saberes que auxiliam, naturalmente, a mobilização e a fluidez dos entrelaces das memórias, que demonstra a importância desta manifestação para a cidade de Cachoeira e para a sociedade como um patrimônio histórico cultural.